



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**ANNA TERRA BONI RODRIGUES**

**A ARTE NO MOVIMENTO SURREALISTA E A POSSIBILIDADE DE UM NOVO  
OLHAR SOBRE A LOUCURA**

**MIRACEMA DO TOCANTINS, TO**

**2024**

**Anna Terra Boni Rodrigues**

**A arte no movimento surrealista e a possibilidade de um novo olhar sobre a loucura**

Artigo apresentado à UFT - Universidade Federal do Tocantins, Câmpus Universitário de Miracema, Curso de Psicologia, foi avaliado para obtenção do título de Bacharel em Psicologia, sob orientação do Professor Doutor Igor do Carmo Santos.

Miracema do Tocantins, TO

2024

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

R696a     Rodrigues, Anna Terra Boni.  
              A Arte no Movimento Surrealista e a Possibilidade de Um Novo Olhar  
              Sobre a Loucura. / Anna Terra Boni Rodrigues. – Miracema, TO, 2025.  
              34 f.  
  
              Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus  
              Universitário de Miracema - Curso de Psicologia, 2025.  
              Orientador: Igor do Carmo Santos

1. Surrealismo. 2. Arte. 3. Loucura. 4. Desinstitucionalização. I. Título

**CDD 150**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

ANNA TERRA BONI RODRIGUES

A ARTE NO MOVIMENTO SURREALISTA E A POSSIBILIDADE DE UM NOVO  
OLHAR SOBRE A LOUCURA

Artigo apresentado à UFT - Universidade Federal do Tocantins, Câmpus Universitário de Miracema, Curso de Psicologia, foi avaliado para obtenção do título de Bacharel em Psicologia, sob orientação do Professor Doutor Igor do Carmo Santos e pela Banca Examinadora.

Data de Aprovação \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Igor do Carmo Santos – Orientador - UFT.

---

Prof. Dr. Ladislau Ribeiro do Nascimento – Examinador - UFT.

---

Profa. Dra. Francisca Maria Carvalho Cardoso – Examinadora - UFT

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço inicialmente à minha mãe, por me incentivar na busca pela minha própria independência, por não questionar minhas escolhas e por estar sempre me mostrando sobre a importância de cuidar do amor daqueles que eu amo. Juntamente, agradeço ao meu pai, por me educar politicamente, por me ajudar a enxergar o meu lugar social e por contribuir na minha criação;

Aqui, agradeço à minha avó, por me mostrar que todo cuidado deve ser realizado com amor, por me mostrar sobre a importância de aproveitar os bons momentos ao lado daqueles que amamos, por me ensinar que a vida vale a pena ser vivida e a nunca deixar de lutar por isso, por nunca desistir. Obrigada por continuar cuidando de mim e me guiando de onde estiver, sinto muito a sua falta;

Gostaria de agradecer aos meus amigos que se fizeram corpo presente nessa graduação, João, Maria Amanda, Sarah, Fábiana, Ana Clara, Gabi, Luís, Felipe e Thâmbata. Vocês conheceram e acolheram uma versão minha que ainda nem eu mesma consigo compreender.

Às minhas amigas de infância, Laura e Amanda que ainda participam da minha vida, escutam meus choros, minhas lamentações e fofocas da vida adulta.

Agradeço ao meu orientador, Igor do Carmo Santos, por acompanhar o meu processo, me ensinar, acolher a minha criatividade, devaneios e surtos, assim como, o meu tempo de escrita e criação. Ainda, gostaria de agradecer à banca avaliadora, por conhecer minha evolução acadêmica e por incentivar minha potência.

À minha analista, por ter me salvado em incontáveis momentos em que eu acreditava não ter mais força para seguir. Obrigada por me mostrar a real importância do nosso trabalho.

Por fim, agradeço aos demais envolvidos nessa trajetória acadêmica, à Universidade Federal do Tocantins e ao corpo docente de psicologia, por contribuírem para uma formação ética, centrada na humanização e no cuidado.

## RESUMO

O presente estudo objetivou entender como a arte, mais precisamente, o movimento surrealista, foi capaz de propiciar novos modos de se perceber a loucura. Para tanto, buscou-se, analisar a partir de pistas metodológicas de uma Análise Crítica do Discurso a obra “A persistência da Memória” de Salvador Dalí, pretendendo visualizar de que maneira as expressões de autores da época, foram capazes de modificar as percepções sobre a verdade da loucura, em uma sociedade moldada a partir de práticas hegemônicas, racionais e lógicas. A partir disso, investigou-se como essas perspectivas, apresentadas pelo surrealismo, podem apoiar o processo de desinstitucionalização, mediante às atuais políticas relacionadas à saúde mental em território nacional. Os resultados obtidos foram discutidos em dois capítulos: “A beleza do surreal e a descentralização da razão: uma análise sobre *A Persistência da Memória*” e o segundo, “A arte como ponte entre a loucura, a reforma e a desinstitucionalização”. Assim, é reconhecida a importância da produção de pesquisas que possibilitem a exploração dessa outra forma de cuidado e visualização da loucura. Por fim, este trabalho preocupou-se primordialmente em ressaltar a importância do movimento surrealista, um século após o seu cessar, como criador de novas formas de enunciar a loucura.

**Palavras-chave:** Surrealismo. Arte. Loucura. Desinstitucionalização.

## ABSTRACT

The present study aimed to understand how art, more specifically the Surrealist movement, was able to change the ways of perceiving madness. Additionally, we sought to analyze the work “The Persistence of Memory” by Salvador Dalí, intending to observe how the expressions of authors at that time could modify perceptions of the truth of madness, in a society shaped by hegemonic, rational, and logical practices. From this, it was investigated how these perspectives, presented by Surrealism, could enhance the process of deinstitutionalization, in light of current mental health policies in the country. The results obtained were discussed in two chapters: “The Beauty of the Surreal and the Decentralization of Reason: An Analysis of *The Persistence of Memory*” and the second, “Art as a Bridge Between Madness, Reform, and Deinstitutionalization.” Therefore, it is recognized the importance of research that allows the exploration of this alternative care form and visualization of madness. Finally, this work focused primarily on highlighting the significance of the Surrealist movement, a century after its end, as creator of new ways to enunciate madness.

**Keywords:** Surrealism. Art. Madness. Deinstitutionalization.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	OBJETIVOS.....	12
2.1	Objetivo Geral.....	12
2.2	Objetivos Específicos.....	12
3	JUSTIFICATIVA.....	13
4	OPERADORES METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	14
5	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	17
5.1	A beleza do surreal e a descentralização da razão: uma análise sobre <i>A persistência da memória</i> .....	17
5.2	A arte como ponte entre a loucura, a reforma e a desinstitucionalização.....	23
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
	REFERÊNCIAS.....	32



## 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo buscou, primordialmente, compreender como a arte, em destaque o surrealismo, é capaz de oferecer novas formas de perceber a loucura. Ainda, partindo do movimento artístico surrealista, pretendeu-se realizar uma análise na obra do artista Salvador Dalí intitulada “A persistência da memória”, intuindo visualizar como na prática a arte pode promover um diálogo entre quem a fábrica e quem a consome. De alguma forma, dando ênfase nas produções artísticas que representam sujeitos que sofrem com a invisibilização do seu psiquismo.

A arte como um dispositivo utilizado em favor da saúde mental, já foi tema de alguns estudos que reconheceram a importância desse instrumento, tratando-se de uma nova alternativa para a ressocialização dos sujeitos “loucos”. Amorim et. al. (2019) citam que, a arte e a cultura andam de mãos dadas quando inseridos dentro dos processos de reinserção social, sendo que, neles o sujeito se reconhece como tal e visualiza a possibilidade de expressar-se em sociedade. Além disso, os autores afirmam que quando inserida dentro deste meandro, todo o meio social acaba sendo convidado a refletir sobre a questão da loucura, dando voz, mesmo que despropositadamente, às discussões presentes no contexto da reforma psiquiátrica (AMORIM, et. al. 2019, p. 285)

Deleuze e Guattari (1992), manifestam que a arte se apresenta como um acontecimento capaz de tocar de maneira sensível as duas partes envolvidas, ou seja, tanto o artista, quanto o sujeito que a contempla. Desse modo, acredita-se que a arte seja capaz de assumir esse local de expressão da subjetividade, onde o autor, ao passo que produz uma obra, também fala sobre si mesmo e a publicização deste material faculta o diálogo entre ambas as partes.

Vale destacar que, no Brasil, uma das principais precursoras do cuidado em saúde mental conduzido pela arte foi a psiquiatra e estudiosa Nise da Silveira. Com suas análises embasadas na teoria de Carl Gustav Jung, a médica deu início a um tipo de tratamento diferente, humanizado e pensado principalmente para sujeitos que viviam negligenciados dentro das instituições psiquiátricas. Melo (2001) a partir de sua observação das obras de Silveira, constata que ela acreditava que por meio das imagens do inconsciente, existia a possibilidade de comunicação consciente com aqueles que já não conseguem estruturar sua psique de maneira verbal e ordenada.

Consequentemente a isso, Foucault (1972) apresenta que quando manifestada por meio da literatura, em destaque a partir do século XVII, a loucura começa a possuir uma diferente perspectiva:

Mas a loucura logo abandona essas regiões últimas em que Cervantes e Shakespeare a tinham situado. E na literatura do começo do século XVII ela ocupa, de preferência, um lugar intermediário: constitui assim antes o nó que o desenrolar, antes a peripécia que a derradeira iminência. Deslocada na economia das estruturas romanescas e dramáticas, ela autoriza a manifestação da verdade e o retorno apaziguado da razão. (FOUCAULT, 1972, p. 46)

Ainda, Foucault (1972) exprime em seu livro “História da Loucura”, algo que nos preocupamos em entender aqui. Segundo o autor, a música, o teatro, a literatura e outras manifestações artísticas são, ao mesmo tempo e além de tudo, manifestações da loucura vivenciada pelos artistas e refletidas em suas criações. Portanto, ao sair do campo de uma complicada convivência social, ela seria prazerosamente vista ao seguir o caminho da arte, ou seja, as formas da imaginação humana (FOUCAULT, 1972, p. 43).

Por esse viés, deve-se pensar na arte como uma alternativa que vai contra os padrões do silenciamento psíquico, visto que quando a exposição artística viesse a acontecer, a invisibilidade subjetiva operada pelos hospitais psiquiátricos sairia de questão. Conforme refletido por Liberato e Dimenstein (2013), a subjetividade a qual é referida dentro desses espaços, representa algo relacionado à lógica vivida pelo capital do tempo e consumo. Uma subjetividade moldada por essa condição, algo completamente lacrado e que visa impedir o contato com tudo aquilo que é diferente.

Portanto, recorrendo ainda a Liberato e Dimenstein (2013), a arte entra nesses espaços como um dispositivo de resistência, sem associá-la a qualquer movimento reativo, ou da ordem de um tipo de sobrevivência. No entanto, classificando essa ação como um levantamento em favor da mudança, um desejo expressado pela mais singela “vontade de resistir”.

Logo, todos esses arranjos, agenciamentos e choques devem ser tomados como parte efetiva da construção de novos territórios materiais e subjetivos. O processo de Reforma, então, apresenta-se como lutas e conquistas não de uma posição previamente delimitada para a loucura (seja ela a da doença, da tutela ou da compaixão), mas como campo de diferentes práticas de convivência e sociabilidade, que superem a normalização e o desejo hegemônico de adaptação/adequação daquilo que aparece como destoante, desatino, ruína ou ruído (LIBERATO; DIMENSTEIN, 2013, p 275).

A reforma psiquiátrica e a arte como um dispositivo de saúde mental, são temas que caminham de mãos dadas dentro da luta antimanicomial.<sup>1</sup> Conforme exposto por Gonçalves, Yamaguti e Kalckmann (2019), com a Lei nº 10.216/2001, ficou decretado que a reforma psiquiátrica brasileira seria entendida como política pública. Sendo ela capaz de elaborar novos

---

<sup>1</sup> Vale frisar que, no decorrer da pesquisa, nos aprofundamos mais no tema sobre a reforma psiquiátrica no Brasil e a luta antimanicomial.

instrumentos no âmbito da saúde mental, promovendo a integralidade, inserindo o usuário na comunidade e possibilitando a ele o exercício da cidadania. Assim, a rede de serviços públicos disponíveis, como por exemplo o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), dentre outros, apresentou-se viável para estender os serviços de territorialização e saúde, coincidindo com o que foi determinado pela lei federal.

Continuamente, esse movimento não buscou uma reforma nos serviços já estabelecidos e sim no modelo assistencial, sendo devidamente necessária a produção de mudanças no “lugar social da loucura, da pessoa em sofrimento mental” (GONÇALVES; YAMAGUTI; KALCKMAN, 2019, p. 118). Não obstante, esse modelo inclui a pessoa assistida pelo serviço e sua família, proporcionando o fortalecimento de vínculo entre ela e um reforço ao respeito das diferenças. Retomando novamente a produção dos autores supracitados, a “Arte e Cultura”, desempenham um papel fundamental dentro desses espaços, colaborando para o desenvolvimento da autonomia e expressão da singularidade dos sujeitos em estado de sofrimento mental.

Propiciam a eles reflexões e pensamentos críticos essenciais para autonomia, cidadania, inclusão social e qualidade de vida. Várias são as linguagens utilizadas com potencial terapêutico: plástica, sonora, dramática, corporal e literária, envolvendo as técnicas de desenho, pintura, modelagem, construções, sonorização, música, expressão corporal, poesia, entre outros, respeitando os aspectos afetivo, cognitivo, motor, cultural e social das pessoas em sofrimento mental (GONÇALVES; YAMAGUTI; KALCKMANN, 2019, p. 118)

A loucura como um tipo de transtorno ou doença mental, como é vista nos tempos atuais, já foi alvo das mais variadas definições, todas com o objetivo de garantir que ela ocupe tradicionalmente o local da exclusão. Fazendo um traçado histórico estritamente pontual na obra de Foucault (1972), na Idade Média a loucura era entendida no lugar dos vícios, no Humanismo ela possuía o aspecto de uma sátira moral e, em destaque, no Iluminismo ela era identificada dentro de particularidades romanescas.

Busquemos nos atentar ao último tempo histórico referido, como foi supracitado, a partir do século XVII a loucura deixa de ocupar a lacuna do drama e da tragédia romântica, ela começa a ser entendida como a manifestação de um tipo de verdade, uma racionalidade específica e individual. As obras artísticas, literárias e outras, até o momento anterior, exibiam a manifestação da loucura como algo do campo do irreal, do ilusório, algo relacionado sempre ao radicalismo amor/morte. Porém, segundo Foucault a loucura se encontra mais próxima da razão como um objeto de verdade e felicidade, do que a própria razão.

Em todos os lados, a loucura fascina o homem. As imagens fantásticas que ela faz surgir não são aparências fugidias que logo desaparecem da superfície das coisas. Por um estranho paradoxo, aquilo que nasce do mais singular delírio já estava oculto, como um segredo, como uma inacessível verdade, nas entranhas da terra. Quando o homem desdobra o arbitrário de sua loucura, encontra a sombria necessidade do mundo; o animal que assombra seus pesadelos e suas noites de privação é sua própria natureza, aquela que porá a nu a implacável verdade do Inferno. As vãs imagens da parvoíce cega são o grande saber do mundo; e já, nessa desordem, nesse universo enlouquecido, perfila-se aquilo que será a crueldade do fim. Numa série de imagens desse tipo — e é sem dúvida isso que lhes deu seu peso, o que impõe à sua fantasia uma coerência tão grande — a Renascença exprimiu o que ela pressentia das ameaças e dos segredos do mundo (FOUCAULT, 1972, p. 27).

Principalmente durante a Idade Média, a loucura, devido às práticas de segregação mental adotadas pela sociedade, foi tratada como algo negativo, negligenciado, onde se preservava o silenciamento dos corpos e da psique dos sujeitos. No entanto, por volta das primeiras décadas do século XIX, ela passou a ser admirada como algo interior dos seres humanos, algo representado de forma artística, que dizia respeito ao que estava oculto, ao que não se verbalizava e que não possuía lógica nenhuma, mas nem por isso, deixava de representar uma verdade do sujeito.

Analisando a história da loucura, partindo da ideia de superação do estado de razão supracitado, nos referimos ao movimento artístico mencionado na temática proposta para este estudo. O surrealismo, criado no início do século XX, rompeu com a ideia de que precisava existir um sentido expreso na arte. Ao passo que a psicanálise freudiana ia ficando conhecida, esse movimento apresentava as semelhanças existentes entre luzes e sombras, lucidez e delírio e entre a realidade e aquilo que se apresentava por meio dos sonhos (LOUREIRO, 2007). Ainda, fortalecendo a corrente psicanalista da época, trazia a ideia de inconsciente em suas obras como algo que permanece no imaginário, algo referente ao lugar do real.

É importante destacar que a psicanálise surge com seu fundador, Sigmund Freud, no final do século XIX na Viena da Belle Époque, ou seja, numa época na qual havia um extraordinário desenvolvimento cultural. No início do novo século já se nota na produção cultural europeia um movimento que será cada vez mais notável: uma valorização daquilo que escapa à razão e uma crítica ao positivismo predominante das décadas anteriores. A valorização da subjetividade se manifestava também nas crenças alimentadas no íntimo dos homens e, a partir da descoberta do conceito de inconsciente, nasce uma nova concepção de sujeito. A psicanálise vem afirmar que o eu (ou seja a lógica da razão) deixa de ser o senhor de sua própria casa (GARCEZ; RUDGE, 2009, p. 01)

As autoras Garcez e Rudge (2009), dissertam que o movimento surrealista foi o que mais conseguiu se aproximar da manifestação irracional e inconsciente dos sujeitos, sendo essa manifestação exercida de forma livre por meio dos impulsos psíquicos. Elas acreditam que os

artistas do surrealismo abandonam o mundo real para adentrarem ao mundo irreal, sendo levados para o lugar onde a razão cessa de conduzir o sujeito em suas ações.

O surrealismo, ao fugir da compreensão da razão, de um pensamento único aceito pela maior parte da sociedade, permite a valorização de uma demonstração artística fora daquilo visto pelo meio social como “normal”. De acordo com Falcade e Sofiato (2013), o surrealismo deu espaço para a criação de um novo tipo de relação entre o homem e sua própria vida. Assim, ele conseguiu ser um movimento político revolucionário, possibilitando diferentes modos de ser e existir em sociedade, principalmente quando se posicionavam contra o “enclausuramento do espírito” (FALCADE; SOFIATO, 2013, p. 18)

Isto posto, ao enveredarmos pelo movimento surrealista e seus desdobramentos na percepção sobre a loucura, buscamos compreender como a arte surrealista emerge enquanto uma prática discursiva e de poder que é capaz de agir no interior dos discursos sobre a loucura apresentando novos modos de visibilidade e enunciação desta; ademais, tentamos fazer um breve exercício de como esse movimento pode colocar e apresentar questões e práticas que contribuam com o nosso presente, se agenciando a um dispositivo de combate pela desinstitucionalização dos sujeitos e pelo exercício das práticas de liberdade.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo geral**

Entender de que forma a arte, em destaque o movimento artístico surrealista, foi capaz de expressar novas formas de visualizar e enunciar a loucura.

### **2.2 Objetivos específicos**

- Analisar a obra do artista surrealista Salvador Dalí, “A persistência da memória”, com o intuito de visualizar através de algumas ferramentas da Análise do Discurso Crítica os atravessamentos subjetivos, sociais e culturais na produção de outras percepções sobre a loucura;
- Compreender como que, por meio da arte, uma sociedade regida por normas racionais passou a acolher modos de expressão que escapam dessa perspectiva hegemônica em relação à loucura;
- Identificar como as perspectivas relacionadas com a loucura, trazidas pelo surrealismo, podem contribuir para o processo de desinstitucionalização dentro da atual política de saúde mental brasileira.

### 3 JUSTIFICATIVA

Apesar de sua extrema relevância no campo da saúde mental, o tema da arte, como um dispositivo de desinstitucionalização, capaz de revelar novas constatações sobre a loucura, é pouco discutido quando problematizado por métodos de análise do discurso. Portanto, um dos principais motivos para a realização dessa pesquisa, foi a percepção da necessidade de produção de material, partindo desse olhar específico. Prova disso, é que ao buscar nas bases de dados PePsic, Scielo e BVS-Saúde, percebe-se a escassez de trabalhos que relacionem os descritores surrealismo, arte, saúde mental e loucura.

A inclusão do surrealismo nesse projeto, enriquece ainda mais o trabalho, considerando que, esse movimento artístico fala de um tempo histórico, de um lugar social e ainda apresenta práticas diretamente relacionadas com a ideia de um novo olhar sobre a loucura. O surrealismo como um exemplo prático de um discurso atravessado pela presença da loucura, representa uma categoria muito especial do nosso trabalho, algo que deve ser percebido com bastante atenção. O movimento, apesar de ter surgido há um século, completando 100 anos em 2024, ainda possui a capacidade de produzir efeitos nos dias de hoje. Porém, pouco se fala sobre isso e sobre a importância dele na sociedade atual, que ainda é cercada por uma forma demasiadamente estreita de perceber a loucura. Além disso, a arte possui um local de fala que vai além do discurso científico, ela representa um espaço de inclusão bem mais expansivo e acessível à sociedade no geral.

A minha aproximação com o tema iniciou-se, principalmente, perto ao final da graduação, quando finalmente entendi que todo cuidado deve conter sensibilidade, amor, empatia e desejo, emoções que andam de mãos dadas com as expressões artísticas. Ademais, o drama sempre esteve presente em minha vida, a intensidade me atravessa e a sensibilidade me corrompe, sou apenas alguém afetada por todos esses sentimentos relacionados com a fraqueza humana e para mim, não existe nada mais bonito que isso. Falar de arte, é falar de vida, política, resistência, verdade e liberdade subjetiva, falar através da arte, é apenas falar, sem silenciamento. Falar sobre a loucura não é fácil, principalmente quando não conseguimos realizar uma pesquisa de campo, pois não temos acesso aos principais discursos dos reais viventes dessa condição. Mas se por algum entendimento desse estudo, tenho a possibilidade de me comunicar com outras pessoas que também buscam um cuidado humanizado em saúde mental, todo o caos da minha escrita, terá valido a pena.

## 4 OPERADORES METODOLÓGICOS DA PESQUISA

O trabalho em questão classifica-se como uma pesquisa do tipo qualitativa, já que esse método implica, primordialmente, em entender as relações humanas e seus enraizamentos. Segundo Minayo e Sanches (1993), é por meio do estudo da subjetividade humana que conseguimos investigar as ligações íntimas entre o sujeito e o objeto, tornando esse fenômeno essencialmente significativo. Utilizamos a pesquisa qualitativa como base do estudo, principalmente quando analisamos como a sociedade cria visualizações sobre a loucura e sobre a relação entre o autor selecionado e a sua obra.

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro, está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações (CHIZZOTTI, 1995, p.79).

A obra que escolhemos para estudar como um documento de fonte primária de análise foi a pintura “A Persistência da Memória” criada por Salvador Dalí (1931), artista espelho do surrealismo. Escolhemos essa obra pois ela se apresenta para o público como a revelação de algo íntimo do autor, onde ela fala sobre um determinado momento de sua vida e ao mesmo tempo confunde as interpretações sociais. A análise que fizemos sobre o quadro, se classifica como uma pesquisa documental, dado que será realizada a seleção partindo de um olhar analítico com diferencial.

A pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A diferença essencial entre ambas está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa (GIL, 1987, p. 45)

Ou seja, levando em conta a definição do autor, apesar de assemelhar-se bastante à pesquisa bibliográfica, a documental detém-se de um objeto de estudo de “primeira mão”, algo que ainda não foi elaborado pela mesma ótica que tratamos (GIL, 1987, p. 46). A necessidade de uma análise documental, parte da noção de enriquecimento do estudo, ao analisar uma obra guiada por formas de expressões individuais do autor, além de que, nos permite perceber a relação do autor com a arte e consequentemente as implicações sociais que ela carrega.



Lemos et. al. (2020), cita que Foucault pensava que a privação de um tipo de arquivo, significava que apenas determinadas pessoas poderiam ter acesso a ele, negando o seu conhecimento para outrem. Dito isso, o ato de se popularizar/divulgar um documento, parte da necessidade em atenuar esse tipo de relação “saber/poder” e, ao mesmo tempo, da essencialidade em apresentar algo que fala sobre um certo tipo de individualidade humana.

A pesquisa bibliográfica também foi utilizada como aporte, visando a investigação em livros físicos e digitais, incluindo periódicos publicados em revistas ou em sites. Esse método, permite que um autor realize uma pesquisa apenas se baseando em materiais já trabalhados anteriormente e ainda possibilita a análise de produções que estão, de certa forma, distantes do autor. Recorrendo novamente a Gil (1987), o autor explica que existe uma gama de pesquisas exploratórias que utilizam do estudo bibliográfico como metodologia principal. Para ele, esse método é essencial quando pesquisamos sobre algo que vai além de uma única interpretação sobre um fenômeno, para critérios de comprovação ou de contraposição dos dados já existentes.

Reforçando a importância do método de pesquisa bibliográfica, justificamos a razão de termos o utilizado, visto que, tratamos aqui de materiais simbólicos e subjetivos, intuindo interpretações diferenciadas sobre o nosso tema. Portanto, foi essencial buscarmos literaturas que dizem respeito a essa relação de implicação mútua entre sujeito e objeto, previsto pela pesquisa qualitativa de base.

Para interpretação dos dados, usamos como referência a análise crítica de discurso foucaultiana, quando observamos os diferentes enunciados presentes em uma formação discursiva, nos detemos em como livros, poemas e frases, podem assumir significados diversos. No entanto, segundo Nogueira (2008), algo que eles possuem em comum é uma posição conflitante repleta de variedades, resultando muitas vezes na desunião. Ainda, é importante destacar que, esse é sempre um lugar representado por relações de poder.

Palavras, frases, poemas, livros, anedotas, etc., podem mudar o seu significado ao longo do tempo, de contexto para contexto, e de pessoa para pessoa. O significado é sempre contestável: isto quer dizer que em vez da linguagem ser um sistema de sinais com significados fixos com os quais todas as pessoas concordam, é um lugar de variabilidade, desacordo e potencial conflito. E quando se fala de conflito, está-se a lidar inevitavelmente com relações de poder (NOGUEIRA, 2008, p. 237).

Desse modo, ao tratar os resultados obtidos durante a pesquisa, nos atentamos para a linguagem crítica de maneira significativa. Nogueira (2008), ainda cita que, a ADC (Análise Crítica do Discurso), estuda a forma como o sujeito sente, sua ação, as circunstâncias materiais que ela implica e a relação disso tudo com o discurso. Ainda, ao falar sobre a loucura, foi

essencial explorarmos os escritos de Foucault sobre o tema. Dado que, a loucura foi um objeto de estudo muito importante para o teórico

Com base na análise da constituição histórica da loucura, Foucault remete à noção de descontinuidade e normatividade, que atravessa a sua tese sobre a constituição do objeto loucura. Na verdade, ao ter como fio condutor a loucura, empreendeu uma análise do conjunto heterogêneo de discursos que possibilitaram sua constituição como objeto. Foucault segue seu raciocínio por meio da crítica a uma história continuísta, em que as transformações na Psiquiatria apareceriam de forma linear (LEMOS ET. AL. 2020, p. 6)

O discurso da loucura não é visto como produtor de verdade, apesar de isso se fazer mais recorrente durante a Idade Média, ainda nos dias atuais, a palavra do louco é descredibilizada e quando se realiza sua escuta, ela é feita por outra pessoa que possui credibilidade para tal, como um médico ou um psicólogo. Foucault (1999), em seus escritos sobre a “ordem do discurso”, assinala que a palavra que reflete a loucura ainda é demasiadamente empobrecida, pois ainda que exista uma ideia de valorização desse discurso, ele permanece anulado, mas agora por outros atravessamentos.

Além disso, considerando que o discurso que sondamos durante a pesquisa, por mais que fale de um lugar do inconsciente, por meios de obras artísticas não verbais, não existe sem o atravessamento dessa exclusão e seleção do verdadeiro ou falso. A arte, por mais que ressalte a questão da expressão da individualidade, permanece presa em ações consequenciais preservadas pelo materialismo. Sendo assim, buscamos estudos nas mais diversas bibliografias, com o intuito de investigar o que cerca o discurso da arte no surrealismo e quais verdades existem sobre ele.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para apresentar os resultados obtidos no decorrer da pesquisa, criamos dois capítulos que se relacionaram com os objetivos propostos no projeto. O primeiro capítulo intitulado “A Beleza do Surreal e a Descentralização da Razão: Uma análise sobre a *Persistência da Memória*”, compreendeu tecer acerca do nascimento do surrealismo no século XX, o seu percurso histórico e quais as relações estabelecidas com as disciplinas, teorias e conhecimentos da época. Para além, como proposto, neste mesmo capítulo realizamos a análise da obra do artista Salvador Dalí ‘A persistência da memória’ e discorremos sobre outros discursos que já foram proclamados sobre esta criação.

Nosso segundo capítulo, intitulado “A arte como ponte entre a loucura, a reforma e a desinstitucionalização” e nele, com o suporte do referencial teórico definido na metodologia, traçamos sobre o processo de instauração e luta da Reforma Psiquiátrica. Além disso, neste capítulo produzimos uma relação entre a arte e a cultura com o movimento de desinstitucionalização, buscando efetuar uma aproximação com o contexto nacional e as possibilidades de adaptação para a nossa contemporaneidade.

### 5.1 A beleza do surreal e a descentralização da razão: uma análise sobre *A persistência da memória*

*O artista ou o filósofo são bem incapazes de criar um povo, só podem invocá-lo, com todas as suas forças. Um povo só pode ser criado em sofrimentos abomináveis, e tampouco pode cuidar de arte ou de filosofia. Mas os livros de filosofia e as obras de arte contêm também sua soma inimaginável de sofrimento que faz pressentir o advento de um povo. Eles têm em comum resistir, resistir à morte, à servidão, ao intolerável, à vergonha, ao presente.*  
 “O que é a filosofia?” Deleuze & Guattari.

A priori, gostaríamos de evidenciar que ao analisarmos um documento por meio da análise crítica do discurso, nosso objetivo é proporcionar uma visão histórica sobre ele. Para tanto, nos apoiamos em algumas pistas trazidas por pesquisadores no campo da Psicologia e que se apoiam nessas ferramentas para pensar os modos de produção de subjetividade no nosso contemporâneo (COIMBRA & NASCIMENTO, 2001; LEMOS ET AL., 2020). Esse trabalho implica também em identificar as forças sociais que ajudaram a moldar aquele documento, pois ele é resultado dessas dinâmicas. Em outras palavras, as práticas discursivas refletem práticas sociais determinadas pelas relações de poder de uma época específica.

No caso do trabalho que aborda a obra de Dalí, a ideia é mostrar como ela questiona a relação do homem com o tempo, o sonho e o trabalho. Esse discurso busca desafiar as

concepções dominantes sobre as formas de existência de seu tempo. Similarmente, ao reconhecer a influência do discurso psicanalítico nas obras de Dalí e no movimento surrealista de modo geral, percebemos como ele foi fundamental para criticar a sociedade racional e conservadora, ao promover novas formas de expressar as subjetividades.

Ademais, antes de nos determos sobre a obra em destaque, precisamos entender um pouco sobre quais as influências do movimento surrealista nas produções artísticas da época. O surrealismo, nascido tecnicamente na França, foi um dos últimos movimentos artísticos das Vanguardas Europeias<sup>2</sup>, que iniciou-se em 1924, a partir dos escritos de André Breton, com a publicação do *Manifesto do Surrealismo*.

Surrealismo, s.m. Automatismo psíquico puro pelo qual se propõe exprimir, seja verbalmente, seja por escrito, seja de qualquer outra maneira, o funcionamento real do pensamento. Ditado do pensamento, na ausência de todo controle exercido pela razão, fora de toda preocupação estética ou moral (BRETON, 1924).

O automatismo representa, para Breton, uma nova relação do sujeito com a realidade que se constrói na enunciação. Essa noção surge quando ele e Philippe Soupault reúnem-se e escrevem de forma automática, tudo que vem à cabeça, sem censura. Essa ação automática, em conjunto com o ato dos poetas de passarem horas sem comer e sem dormir, resulta em um “estado alterado de consciência que perturba o Eu” (SANTOS, 2017, p. 183).

Dispondo do Manifesto do Surrealismo, observa-se que Breton (1924), realiza uma análise crítica e reflexiva acerca da vida social de seu tempo e das diversas formas de repressão da imaginação, sob a justificativa do seguimento de uma vida controlada pelos meios civilizatórios. Para o autor, o racionalismo absoluto que ainda se encontrava em moda na época, limitava que o sujeito deveria ter a compreensão pelos seus atos, apenas baseando-se em experiências vividas. Ora, essa experiência, marcada pela necessidade de um imediatismo e de encaixar-se no bom senso social, era fixada pela restrição de fronteiras praticamente impossíveis de serem ultrapassadas em nome da civilização e da racionalidade, excluindo as formas de verdade que não se alinhavam com o pensamento convencional.

Breton, em seus escritos, aponta que a imaginação seria a “força propulsora da criação”, indicando que a “descrição estilística” e o racionalismo, exigido por Descartes, são na verdade, desnecessários para o processo de criação artística (FALCADE e SOFIATO, 2012, p. 18). Ademais, essa experiência imediata limitada pela lógica racional, é criticada pelo escritor, ainda

---

<sup>2</sup> Em resumo, as Vanguardas Europeias simbolizavam diferentes tendências artísticas que foram surgindo na Europa no início do século XX, rompendo com “tradições anteriores” do que era considerado arte e caminhando para o advento da arte moderna (Mundo Educação, s.d.).

na medida em que o sujeito deixa de entregar-se aos sonhos, acreditando que estes fogem à realidade. No entanto, ele apresenta que a integridade dos sonhos e seu envolvimento com a realidade, implicam na consistência uma “realidade absoluta, de *surrealidade*” (BRETON, 1924).

É importante marcar que o surrealismo sofreu influências da psicanálise, cujas idéias adquiriram grande notoriedade e expressão no início do século, em parte também pela aproximação de Breton em relação a Freud, nos anos de 1921, ao final da Primeira Guerra, quando o artista passa a dedicar seus estudos às contribuições psicanalíticas. Apesar de afastar-se em alguns conceitos, é inegável a semelhança da teoria psicanalítica com a cultura e as obras da época. Tendo em mente que, além da função terapêutica, a psicanálise produz uma reflexão crítica a respeito da vida social daquela época, baseada na negação da manifestação do desejo e na expressão dos conteúdos do inconsciente, que fogem à lógica puramente racional (BORGES, 2017, p. 58).

Ao propor a existência de diferentes instâncias psíquicas, que transcendiam o domínio racional e a vontade consciente, Freud descentra o sujeito, afirmando que suas ações seriam regidas por forças misteriosas e suas decisões carregariam muito mais intenções inconscientes e afetos desconhecidos do que poderia supor sua ilusão de individualidade. Toda essa revolução paradigmática no campo do conhecimento científico se expande às mais diversas áreas e vai dialogar, também, com os movimentos artísticos das primeiras décadas do século XX, em especial com as artes modernas e o Surrealismo (BORGES, 2017, p. 53).

Freud (1915), ao apresentar as características principais que cercam o sistema do Inconsciente (Ics), disserta que alguns dos processos presentes nele correspondem, principalmente, aos impulsos de desejo, à impossibilidade de negação, à atemporalidade, e ao ato de ignorar a realidade propriamente dita. Para ele, uma outra forma de expressão da realidade, se baseia na valorização dos sonhos, dos atos falhos, das fantasias e da associação livre, conteúdos intrínsecos ao desenvolvimento de uma terapêutica conduzida pela psicanálise. Para mais, de acordo com Santos (2017), existem dois momentos de aproximação entre o Surrealismo e a Psicanálise, o primeiro diz respeito à aproximação de Breton aos estudos freudianos sobre o inconsciente e a segunda é marcada pelo momento em que Lacan visita Dalí em 1931, interessado pela paranóia e por questões da personalidade.

No Brasil, o Surrealismo começou a ter suas primeiras aparições em 1925, tendo uma recepção bastante variada, apesar de ter chegado na América Latina com rapidez, também provocou estranhamento e por vezes ataque ao movimento proliferado pela classe conservadora e tradicional, como explicado por Ponge (2004). Ao longo da instalação do movimento em território nacional, ocorreram diversos embates em relação a sua consolidação, principalmente

durante a Era Vargas (1930) com a redução da democratização que impactou bastante a expressão artística na época. Hoje em dia, os principais artistas considerados surrealistas no Brasil são Tarsila do Amaral, Maria Martins e Ismael Nery, mas levando em consideração a existência de muitos outros, como Cícero Dias e Flávio de Carvalho que possuem influência ainda do movimento modernista.

Ao nos aprofundarmos na obra em que buscamos analisar, é importante descrever um pouco de quem foi o artista responsável pela criação desta. Salvador Dalí, foi um dos principais artistas do século XX, conhecido como um dos maiores artistas do surrealismo espanhol. O artista apresentava-se escandalizando as pessoas, não apenas por suas obras que produzem estranheza em quem observa, mas também pela sua personalidade considerada como impactante e ímpar. Ele ficou conhecido como um dos maiores artistas do surrealismo espanhol, foi influenciado por Pablo Picasso e começou a participar do Surrealismo a partir de 1920. Objetivava, assim como os outros artistas do Surrealismo, criar uma arte que, até então, vinha sendo destruída pelo racionalismo. Dalí foi retirado do movimento por questões políticas, que vinham contra as dos demais artistas do movimento e detinha relação com o seu apreço pela lógica do consumo (SPODE, 2012, p. 03).

Agora que já compreendemos parcialmente sobre o surgimento do movimento surrealista e as suas influências históricas e teóricas, analisaremos a obra *A Persistência da Memória*, criada pelo artista espanhol Salvador Dalí.

Figura 1. “A Persistência da Memória” (1934).



Fonte: <https://www.todamateria.com.br/a-persistencia-da-memoria/>

A Academia Brasileira de Arte (ABRA), realizou um breve estudo sobre a obra ‘A Persistência da Memória’ de Salvador Dalí, introduzindo que essa obra foi um marco inicial na carreira do artista, sendo a principal responsável pelo início da sua fama. Segundo a ABRA (s.d.), ela foi pintada à óleo em 1931, pelo artista supracitado e possui uma dimensão de 24,1 x 33 cm, sendo considerada relativamente pequena. Além disso, ela está em exposição no Museu de Arte Moderna em Nova York e suas cores possuem uma grande presença de tons ocre e

marrons, com a intenção de apresentar a sensação de uma “paisagem árida” para quem a contempla (ABRA, s.d.).

Ao analisarmos a obra em questão, dando importância para a concepção do que é o surrealismo e às influências psicanalíticas, percebemos logo de cara as próprias impressões do autor Dalí, sobre o tempo, a realidade e os sonhos. Os relógios derretidos fogem à ideia do tempo como algo concreto, linear, ordenado e aparentam estarem sofrendo outras influências, como a luminosidade, o calor e o ambiente. Braga (2009), ao fazer uma análise da obra a partir de estudos psicanalíticos, infere que a temporalidade desordenada é a principal responsável pelo derretimento dos relógios, quando a “memória congelada” passa a aparecer por meio da repetição na análise. Cabe destacar que, Dalí pintava suas obras baseando-as em sonhos que havia tido, mostrando mais uma vez a influência do inconsciente na criação do artista.

Ao fundo, nota-se a paisagem que vai de encontro à vista que Dalí possuía de sua casa em Barcelona e que remete às memórias de infância do artista. Assim, o autor mostra que os objetos exatos, o interessam por serem, na verdade, inexplicáveis, bem como as suas memórias. Deleuze e Guattari (1992), observam que as obras de arte podem representar memórias conservadas, entendendo que, não significam apenas memórias rasas baseadas em antigas percepções, nem mesmo algo involuntário ou incompleto. Conforme os autores, os elementos como, as sensações, a fabulação, as percepções e as afecções, que são ecoados pelas palavras transmitidas em determinados acontecimentos, sejam da infância, ou não, são os principais fatores conservantes das memórias.

Como podemos observar, um dos relógios está coberto de formiga, Dalí não gostava muito de formigas e na obra, ele as relaciona ao estado de putrefação, isso nos mostra uma crítica que ele realiza, sobre como um objeto tão banal, é capaz de controlar nossas vidas. Segundo Batista, et. al. (2015) o tempo se tornou uma questão fundamental, enquanto fenômeno econômico e social, principalmente ao levarmos em conta a produção na era industrial e no período de recuperação pós-guerra. Além de se configurar como uma variável importante na obtenção de meios de subsistência dos sujeitos, ele também esteve presente na própria base da sobrevivência humana, sendo difícil diferenciar a questão de “trabalhar para viver” ou “viver para trabalhar” (BATISTA, et. al., 2015, p. 191).

Segundo os autores supracitados (2015), na sociedade frenética, dominada pelo relógio e sufocada pelos compromissos do dia-a-dia, o tempo real é percebido como algo rápido e fluido, sem momentos para escape. Assim, toda a organização dos dias e da vida das pessoas é controlada pelo relógio e pelos limites impostos por condições desumanas de trabalho. Dalí, influenciado pelos seus estudos em Freud e Einstein, capturava o tempo como algo dilatado,

sem fluidez, flexível, maleável e surreal, mostrando que o relógio é apenas um objeto utilizado como tentativa de controle social cotidiano.

O último ponto que gostaríamos de destacar, é o autorretrato que o artista faz de si mesmo, onde ele encontra-se no chão, coberto por um pano e com um dos relógios derretendo sob seu corpo. Aqui, poderíamos pensar na influência dos sonhos na criação das obras surrealistas, pois segundo Breton (1924) o sonho não possui traços de organização, ele configura a quem dorme, um estado diferente da realidade, mas que seria essa a realidade que o ocupa. Para Freud (1900), ao priorizar a *linguagem corrente*<sup>3</sup>, os sonhos não são apenas “espumas”, como a ciência tenta explicar, mas eles são, sobretudo, o poderoso realizador dos desejos inconscientes. Para mais, podemos destacar a temporalidade dos sonhos como algo que retrata esse tempo do inconsciente, algo subjetivo e inexplicável.

Essa transgressão, a que o artista está sujeito, poder-se-ia ser compreendida como um movimento que se abre ao "não-saber", um êxtase e um erotismo, um modo de capturar ou, pelo menos, vislumbrar o impossível (numa alusão a Bataille). Ressalte-se que o mundo exige formas de transgressão, pois onde há lei, enquanto forma de normatização, faz-se necessário transgredir e exacerbar. E não são poucas as formas de transgressão, das várias formas de vazão podemos salientar a embriaguez, o riso, o erotismo, a angústia e o sacrifício. Todavia, parece haver um modo mais espetacular e fantástico para se exacerbar, a saber, a arte. Ela aparece como expressão transgressora da norma justamente por levar o indivíduo a exceder seus limites e vislumbrar para além do possível, caminhando para o âmbito do imaginário e do onírico (AMITRANO, 2005, p. 01).

Dalí, inspirado no método paranoico-crítico, com influências psicanalíticas, criou obras artísticas que fogem ao convencional, simbolizam o surrealismo e a sua importância para a ressignificação da arte nos anos 1920, valorizando particularmente, as fantasias, os sonhos e o inconsciente. A princípio, a obra produz estranheza em quem a contempla, no entanto, esse era um dos principais objetivos do movimento, mostrar que a realidade enclausurada pela lógica racional, não fala nada sobre a individualidade, nem tampouco sobre a verdade dos sujeitos, pois esta encontra-se oculta pelas limitações conservadoras, normativas e estigmatizantes. Destaca-se então que, nesse momento da história, a sociedade admirou a desrazão e até mesmo consumiu a ideia de uma irracionalidade, o surrealismo rompeu com uma verdade única e instaurou-se no meio social como algo a ser valorizado e reconhecido.

---

<sup>3</sup> “Freud compreende o ato de fala como a associação entre a imagem sonora e a imagem cinestésica da representação-palavra. No processo de aprendizagem da linguagem, uma criança esforça-se para adequar a imagem sonora que ela produz com a imagem sonora que escuta das pessoas que estão à sua volta” (COSTA, 2015, p. 81).



## 5.2 A arte como ponte entre a loucura, a reforma e a desinstitucionalização.

*A loucura é vizinha da mais cruel sensatez.  
Engulo a loucura porque ela me alucina calmamente.  
“A descoberta do mundo” Clarisse Lispector*

A loucura já foi visualizada de diversas formas na sociedade em geral, entre elas a produção de estigmas foi demasiadamente presente na maioria das ocasiões, quando se falava sobre as formas de existir dos sujeitos loucos. A tentativa de retorno aos manicômios, insere esses sujeitos dentro de um panorama silencioso, exaltando o natural e expurgando o diferente. Como se não agir pela lógica da racionalidade, retirasse os sujeitos da condição de humanidade e tornasse suas vozes indignas de serem escutadas.

Foucault (1978), disserta que apesar de os leprosos terem sido parcialmente apagados na relação de exclusão, as estruturas sociais baseadas em um ideal cristão de salvação para aqueles considerados pecadores, permaneceram. Esses sujeitos “pecadores”, fogem à norma daquilo que é visto como um estilo de vida correto, são eles os “pobres, vagabundos, presidiários e ‘cabeças alienadas’” as pessoas responsáveis por assumir a posição de internados, no lugar dos “lazarentos” (FOUCAULT, 1978, p. 10).

Os leprosos foram substituídos pelos loucos e os loucos foram renomeados como esquizofrênicos, bipolares, neuróticos e dependentes químicos, quase sempre compreendendo esses sujeitos como aqueles que devem ser “os internados”. A reforma psiquiátrica (expressa em diferentes movimentos por mudanças nas práticas de cuidado aos sujeitos entendidos como loucos), tenta, até os dias atuais, colocar esses nomeados na posição de sujeitos desejantes e autônomos, no entanto, ainda restam muitas lacunas que deveriam ser preenchidas pelas vozes de quem sobrevive a essa condição.

Durante a grande internação, os espaços de cuidado, como os hospitais, foram criados intuindo um lugar para quem não tinha para onde ir, um espaço de “caridade” a fim de abrigar os carentes, necessitados e os indignos de serem vistos. Ainda, principalmente após a Revolução Francesa, esses espaços se configuraram como uma instituição de medicalização e isolamento. Foucault (1989), ao discutir sobre os hospitais psiquiátricos e suas formas de tratamento no século XIX, entende que estes representam “uma ação direta sobre a doença” quando o olhar da medicina, não apenas revela a patologia, como também contribui para o aparecimento da mesma (FOUCAULT, 1989, p. 68).

Dessa maneira, segundo a ciência da época, ao passo que a doença é enclausurada e o sujeito passa a ser observado em estado de aprisionamento, a verdade sobre ela seria finalmente

revelada. Esse processo de institucionalização, colabora para que o sujeito seja isolado, sem sua liberdade e enfraquecendo seus laços sociais, pois esse convívio social era visto como uma “vegetação parasita” responsável por impedir a exposição da enfermidade (Idem, p. 68, 1989).

Mas, se é verdade que este novo modelo produziu um saber original sobre as doenças, em contrapartida, é verdade que este saber referia-se a uma doença institucionalizada, isto é, a uma doença modificada pela ação prévia da institucionalização. Em outras palavras, a doença isolada, em estado puro, como pretendia a história natural, terminava por ser uma doença produzida, transformada pela própria intervenção médica (AMARANTE, 2007, p. 26).

A loucura, como já sabemos, é vista fora do panorama da razão, o louco não é digno de uma verdade própria e até mesmo a sua forma de comunicação precisa ser traduzida por um médico, um psiquiatra, ou um psicólogo. Para além disso, segundo Amarante (1995), eles são vistos pelo senso comum como a fração da sociedade que é descrita como violenta, perigosa e que por isso, devem ser mantidos acorrentados devido aos riscos resultantes de sua periculosidade. Outrossim, Foucault (1978) expõe que nos hospitais gerais, encontra-se a loucura expressa em suas mais diversas formas, a frenética, a melancólica, os “loucos bêbados”, os “loucos mansos” e etc, tudo isso objetivando, primordialmente, o “elogio da razão” (Idem, 1978, p. 49).

Para Foucault (1978), após a renascença ter se preocupado com a libertação da loucura, durante a era clássica, a partir de um excêntrico e violento golpe, a loucura é reduzida ao silêncio. Até os dias atuais, o silenciamento da loucura demonstra como a sociedade tende a marginalizar ou negar os sujeitos que vão contra a verdade que já está posta, tratando essas pessoas com repressão, enclausuramento e/ou ignorando completamente sua existência. Os loucos, quando não são confinados dentro de hospitais psiquiátricos, são vistos socialmente como pessoas que não são dignas de escuta, atenção, cuidado, ou até mesmo como alguém que é perigoso demais para conviver em sociedade.

De acordo com Tenório (2001), a partir do século XIX, a loucura passou a ser considerada uma enfermidade, possibilitando a existência de tratamento com resguardo estatal e exprimindo os direitos da “cidadania”. No entanto, isso resultou em uma aprovação maior da exclusão e conseqüentemente, na redução dos direitos sociais que também se configuraram como cidadania plena. Portanto, segundo o autor, a mesma irracionalidade que tornava o louco um sujeito inimputável, era incumbida por fazer dele um doente, merecedor de atenção e cuidados. Daí em diante, o louco para de ser considerado um sujeito e passa a ser visto como alguém completamente destituído de sua razão, se diferenciando de parte da sociedade e tendo suas condições de liberdade praticamente anuladas.

Simultaneamente, todavia, foi criado um estatuto de assistência para doentes e loucos, a partir do Estado e sob custódia de um recente discurso da medicina, assistencial e naturalista. A imagem da loucura passou a ser vista como exemplo de total perda da razão e o alienado deixou de ser considerado sujeito. O louco foi diferenciado dos demais cidadãos e não poderia, como apregoado pelo lema da revolução, exercer sua vontade nem se apropriar de sua condição de liberdade. Não era, portanto, um cidadão propriamente dito, uma vez que sua condição de desrazão não o permitiria discernir as regras e pactos sociais (FROTA, 2009, p. 14).

A partir das contribuições de teóricos que iniciaram o processo de hospitalização dos doentes, entendia que esse espaço, ao proporcionar o isolamento social, contribuía para a “desalienação mental”, ponderando que conviver em sociedade, seria o principal causador das enfermidades. No entanto, de acordo com Foucault (1978), esse modelo de institucionalização, buscava revelar a verdade sobre a doença, tornando esse processo de adoecimento uma posse da instituição psiquiátrica e não do próprio sujeito. Esse lugar priorizou a constituição de um certo modo de cidadania, baseada na racionalidade e sem espaço para o desvio desta, incentivando assim, a dissipação da loucura. Constitui-se, desse modo, um paradoxo, a cidadania passa a ser vista como uma forma de acabar com a solidão, ao mesmo tempo em que representa o princípio do problema (SANDER, 2010, p. 384).

A Reforma Psiquiátrica, surge com algumas experiências de destaque, na Itália e na França, nos anos de 1970, após a segunda guerra, e seu principal objetivo foi o de repensar os sujeitos internados fora da posição manicomial. No Brasil, a reforma psiquiátrica nasce como uma pauta também inspirada nas experiências trazidas desses outros países e foi se consolidando a partir da década de 1980, com incentivo do Movimento da Luta Antimanicomial (MLA), que intuía o processo de desinstitucionalização. Segundo Amarante e Nunes (2018), o MLA organizou núcleos e encontros nas grandes cidades do país, com o apoio comunitário, pressionando o governo e dando segmento à criação do Dia Nacional da Luta Antimanicomial (18 de maio) e à Lei nº 10.216/2001 de 6 de abril de 2001.

Desse modo, após muita luta do movimento e dos sujeitos viventes na condição manicomial, a reforma psiquiátrica surge no país, na tentativa de recuperar os direitos civis dos sujeitos isolados e dominados pelo modelo clássico da psiquiatria.

Assim, a Reforma Psiquiátrica brasileira tem como eixos: a) processo de desinstitucionalização como desconstrução dos aparatos manicomiais; b) a descentralização da atenção na internação hospitalar em manicômios para o cuidado comunitário e c) rede diversificada de Atenção à Saúde Mental, implicando a reconstituição da complexidade das necessidades sociais subjacentes à enfermidade e à intersectorialidade. A intersectorialidade é inerente ao processo, pois é reconhecida a complexidade do cuidar na comunidade, exigindo ações integrais, visto que, comumente, ao transtorno associam-se a pobreza, o desemprego, o analfabetismo, ou seja, as vulnerabilidades sociais em geral (SILVA, ROSA, 2014, p. 254).

Com o surgimento de efeitos no processo de desinstitucionalização e a demanda de práticas inovadoras de cuidado, foram criados serviços socioassistenciais de acordo com as necessidades expressadas nas políticas públicas de acesso a esses sujeitos. Dentre esses serviços, temos a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), responsável por abarcar diferentes lugares de atenção para os sujeitos em sofrimento psíquico e/ou que fazem uso de álcool e outras drogas, no Sistema Único de Saúde (SUS), garantindo o cuidado e a intersetorialidade (BRASIL, 2001). Dentre os lugares inseridos nesse serviço encontram-se, o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), as Unidades Básicas de Saúde (UBS), os Hospitais gerais, os Centros de Convivência e Cultura e outros pontos de atenção.

Nota-se um possível desejo de investimento na cultura, pensando na criação de um espaço que permita que o sujeito entre e saia quando quiser, se relacione com outros grupos, participe de momentos de lazer e visite lugares de expressão cultural. Sendo assim, cabe destacar a importância de um centro de convivência e cultura como um auxiliador no processo de desinstitucionalização, principalmente levando em conta que esse serviço contribui para que o sujeito circule por outros espaços da cidade e desenvolva outras experiências. Segundo Nunes (2009), ao mesmo tempo em que a cultura é silenciada, também se silenciam os sujeitos que expressam sua linguagem própria por meio dela.

No campo da saúde mental, o silêncio da cultura pode significar, portanto, o silenciamento de vozes que se manifestam através de linguagens próprias e que encontram, em certas formas de idioma, uma viabilidade expressiva mais eloquente, ou, em certas situações, a única maneira de evocação de situações por vezes indizíveis ou incomensuráveis. Compreender o lugar fundante da cultura em relação às experiências existenciais de qualquer ordem é ponto de partida para compreender seu potencial transformador ou articulador dos fenômenos sociais veiculados pelo campo da experiência (NUNES, 2009, p. 42).

Vale ressaltar que nem sempre a arte habitou a posição de um possível instrumento, uma possível solução na esfera da saúde mental, pois ela nem mesmo chegava a ser considerada um método de produção. Liberato e Dimenstein (2013), ao recapitularem as observações de Platão sobre a arte em uma cidade ideal, apontam que o filósofo entende a arte como algo que deveria estar restrito aos “não-cidadãos”, pessoas com quem o estado já não se preocupa. Visto que, a arte ocupa, assim como a loucura na sociedade, o lugar da desrazão, o espaço vazio das paixões, algo completamente inútil para uma cidade ideal, racional e organizada. Não obstante, Deleuze e Guattari, discutem essa posição, quando criticam, “pois, a raça invocada pela arte ou a filosofia não é a que se pretende pura, mas uma raça oprimida, bastarda, inferior, anárquica, nômade, irremediavelmente menor...” (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p. 141)

Deleuze e Guattari (1996), ao trazerem sobre a importância da arte, entendem que a arte e a vida estão profundamente conectadas por meio de uma experiência que envolve a exploração e modificação dos estratos, buscando seus pontos rizomáticos e ultrapassando sua rigidez. Em outras palavras, aquilo que promove a diferença, e por isso “irremediavelmente menor”, o movimento próprio da vida na produção de outros modos de ser, sentir e pensar. Esse processo é possível por meio da cartografia, que oferece diversas possibilidades, mas sempre com a cautela necessária para evitar a desestratificação total. Tal abordagem, permite que o desejo crie novos caminhos, ampliando nossa potência e alegria de viver. Dessa maneira, a vida se transforma em uma arte, e a arte, por sua vez, assume uma dimensão política. Esses autores, portanto, nos propõem uma visão da vida e da arte como algo em constante transformação, baseado no desejo criativo e na construção de novas possibilidades, conectando o pessoal com o político e o estético com o social.

Desse modo, observamos uma aproximação natural entre a arte e a desinstitucionalização, considerando que as duas buscam novas formas de promover a liberdade, conviver em sociedade e produzir políticas que visem novas possibilidades de vida. É necessário pensarmos que, segundo Liberato e Dimenstein (2013), a “instituição psiquiátrica” manifesta-se em nós, assim como nas demais instituições da vida, como a do trabalho, a da família, do dinheiro e entre outras. Logo, cabe pensar que o processo de desinstitucionalização ultrapassa as mudanças e as transformações técnicas nos espaços de saúde, ela também envolve a compreensão de como as normas sociais são capazes de moldar nossas vidas.

Recorrendo novamente às autoras supracitadas, entende-se que a arte, nesse processo, surge como um espaço de reflexão e resistência, como uma forte questionadora das normas e estruturas presentes. Pois através dela, as formas de nos relacionarmos com o espaço urbano e com os outros sujeitos são repensadas, revelando como as instituições nos atravessam e muitas vezes, nos conduzem a reproduzir padrões, comportamentos e práticas sem que tenhamos plena consciência disso. A arte, portanto, se torna um campo auxiliar para a desinstitucionalização, incentivando a quebra de padrões estabelecidos e nos convidando a enxergar novas possibilidades de viver, de nos conectar com o mundo e com as pessoas à nossa volta (LIBERATO & DIMENSTEIN, 2013).

Ao pensarmos sobre a desinstitucionalização, abrimos espaço para questionarmos sobre como as políticas de assistência aos sujeitos “desviantes da norma” se instauram nos espaços de acolhimento e cuidado para com essas pessoas. Martins (2009), sugere o processo de desinstitucionalização como um movimento de reestruturação das políticas públicas já instituídas, sendo essencial uma aproximação entre a loucura, a arte e a cidade, para que exista

um olhar mais sensível nos lugares de assistência. Isso pode ser relacionado com o que já foi apresentado pelas autoras Liberato e Dimenstein quando elas apresentam que, “pensar essas três esferas em constante movimento e em reconstrução permanente de suas ligações faz-nos inquirir cada contexto em sua especificidade, com suas potencialidades e riscos” (LIBERATO & DIMENSTEIN, 2013, p. 280).

As experiências que tomaram a arte menos como técnica terapêutica e mais como estratégia de luta pela vida nos dão indício de que é possível pensar a loucura para além do campo assistencial. Anteriormente, ao estudarmos os movimentos dos muros, exploramos o problema de como a assistência ao louco foi construída ao longo das reformas e colocamos em xeque nossas atuais práticas assistenciais naquilo em que elas legitimam e sustentam muros. Precisamos estar atentos aos movimentos das paredes que contornam um serviço antimanicomial, pois os muros são divisões concretas que sustentaram durante séculos a hegemonia do saber racional normativo (MARTINS, 2009, p. 87).

A permanência de muros em uma instituição vai de encontro com as tentativas de retorno às técnicas manicomiais. Promover a possibilidade de libertação para os sujeitos loucos, para os “doentes mentais”, ou para os alienados, é também permitir que seus desejos e modos de expressão circulem entre os espaços da cidade. Além das práticas já executadas durante o movimento surrealista, notamos que os espaços urbanos e a arte popular também desenvolvem um modelo de movimento capaz de modificar o modo como percebemos a loucura na sociedade. Se analisarmos, em território nacional, possuímos diversos modos artísticos que atingem também esse mesmo propósito, o de um espaço de criação e publicização que objetive a verdadeira cidadania e a oportunidade de resistência entre as vozes silenciadas.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra que analisamos, em conjunto com as ideias do movimento pesquisado, torna compreensível a noção de uma observação e construção “da verdade”, no que se refere aos modos de existir dos sujeitos atravessados pela loucura. Uma sociedade que busca, apenas em relatos puramente racionais, a verdade presente nos discursos dos sujeitos, admirou, com o surrealismo, a beleza que foge à essa lógica normativa. Permitindo assim, que outras formas de conviver e de se comunicar, também detivessem seu espaço social e sua liberdade individual, abraçando a enunciação por meio da atenção aos sonhos, aos desejos, às memórias e aos impulsos subjetivos.

É necessário destacarmos a relevância da análise crítica do discurso no trabalho realizado, considerando a necessidade de nos atentarmos aos discursos presentes no tempo histórico referido ao movimento que pesquisamos. Esse operador metodológico, permitiu uma aproximação de diferentes forças discursivas que foram capazes de emplacar a análise da obra, bem como as considerações referentes ao movimento surrealista e às formas de se perceber a loucura na sociedade. Evidenciamos assim, que esse método tornou possível uma conversação entre diferentes teorias, destituindo a noção de um saber único acerca de determinados objetos de pesquisa.

Perante os objetivos propostos, concluímos que existe uma aproximação entre a arte surrealista e a desinstitucionalização, capaz de produzir reflexões, acerca de um olhar mais sensível diante das formas de cuidado, que buscam promover novas formas de perceber a loucura fora das normas racionais. Cabe também, fazermos uma consideração que vai de encontro com o tema: arte no movimento surrealista nos idealizou uma potencialidade de mudança social que propiciou a apreciação por um modo de subjetivação irracional e demasiadamente incompreendida, mas ela não representa o único movimento capaz de modificar as normas hegemônicas racionais já impostas.

Entre as possíveis alternativas para o acolhimento dentro dos espaços de saúde, estão, a musicalidade, a poesia, a literatura, a pintura, dentre outras maneiras de falar através do campo da arte. Em território urbano, a arte está presente em locais populares, nos muros da cidade, nos espaços de cultura e dentro da casa das pessoas. Ou seja, facilmente podemos trabalhar diversos caminhos que ultrapassem os cenários institucionalizados, que faculte a circulação dos sujeitos, a criação de laços e a probabilidade de desinstitucionalização e resistência. Portanto, seguindo este viés, a nossa ideia implica em ampliar a linha de pesquisa utilizada, na criação de outros trabalhos que valorizem ainda mais a nossa cultura nacional. Assim, pensando em estudos

futuros, tencionamos sobre as relações sociais presentes na musicalidade das batalhas culturais de rap no Estado do Tocantins e para além, na importância do Cine Cultura na educação dos jovens viventes na era da tecnologia.



## REFERÊNCIAS

ABRA (ACADEMIA BRASILEIRA DE ARTE). **A Persistência da Memória: Simbolismos e Curiosidades..** (s.d). Disponível em: <https://abra.com.br/artigos/persistencia-da-memoria/>. Acesso em: 05 ago. 2024.

AMARANTE, Paulo (Coord.). **Loucos pela Vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil.** Rio de Janeiro: Ensp/Fiocruz (Coleção Panorama), 1995.

AMARANTE, Paulo. **Saúde Mental e Atenção Psicossocial.** 20 ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

AMARANTE, Paulo; NUNES, Mônica de Oliveira. A reforma psiquiátrica no SUS e a luta por uma sociedade sem manicômios. **Ciência & Saúde Coletiva**, vol. 23, n. 6, p. 2067-2074, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/tDnNtj6kYPQyvtXt4JfLvDF/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 jul. 2024.

AMITRANO, Georgia. Dalí: Um artista da transgressão. **Revista Educação Pública**, 2005. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/2/1/daliacutem-um-artista-da-transgressatildeo>. Acesso em: 12 out. 2024.

AMORIM, Ana Karenina de Melo Arraes; Et. Al. Saúde Mental, Cultura e Arte: Discutindo a Reinserção Social de Usuários da Rede de Atenção Psicossocial. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia.** vol. 12, n. 2, p. 282-299, 2019. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/337610555\\_Saude\\_mental\\_cultura\\_e\\_arte\\_discutindo\\_a\\_reinsercao\\_social\\_de\\_usuarios\\_da\\_Rede\\_de\\_Atencao\\_Psicossocial](https://www.researchgate.net/publication/337610555_Saude_mental_cultura_e_arte_discutindo_a_reinsercao_social_de_usuarios_da_Rede_de_Atencao_Psicossocial). Acesso em: 20 mar. 2024.

BATISTA, Natália Lampert. Et. Al. Sobre o Tempo: O Surreal e o Real. **Disciplinarum Scientia.** Série: Ciências Humanas, Santa Maria, vol. 16, n. 02, p. 189-201, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumCH/article/view/1867>. Acesso em: 10 out. 2024.

BORGES, Raquel Czarneski. **Triunfo do irreal: arte, loucura, surrealismo e a experiência de Cícero Dias (1920-1930).** 2017. Tese (Doutorado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/29629/1/TESE%20Raquel%20Czarneski%20Borges.pdf>. Acesso em: 07 out. 2024.

BRAGA, Eneida Cardoso. **A persistência da memória - relógios, repetições e transformações.** (2009). Disponível em: <https://sig.org.br/bkp/wp-content/uploads/2015/04/apersistnciadamemria8208relgiosrepetiesetrtransformaes.pdf>. Acesso em: 15 out. 2024.

BRANDINO, Luiza. **Vanguardas Europeias.** Mundo Educação (s.d). Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/literatura/vanguardas-europeias.htm>>. Acesso em: 25 ago. 2024.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **RAPS - Rede de Atenção Psicossocial**. Disponível em: Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) — Ministério da Saúde (www.gov.br). Acesso em: 10 ago. 2024.

BRETON, André. Manifesto do Surrealismo (1924). In: TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda europeia e modernismo brasileiro**: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. 16ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CHIZZOTI, Antonio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista portuguesa de educação**, São Paulo, vol. 16, n. 2, p. 221-236, 2003. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/374/37416210.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2024.

COIMBRA, Cecília Maria Bouças; NASCIMENTO, Maria Livia. O Efeito Foucault: desnaturalizando verdades, superando dicotomias. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Brasília, vol. 17 n. 3, pp. 245-248, set-dez 2001.

COSTA, André Oliveira. De palavras e inconsciente: a função da linguagem na origem da psicanálise. Rio de Janeiro: **Tempo Psicanalítico**, v. 47.2, p. 69-89, 2015. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-48382015000200005](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382015000200005). Acesso em: 03 nov. 2024.

DALÍ, Salvador. **A Persistência da Memória**. 1934. 1 original de arte, óleo sobre tela, 24 x 33 cm.

DELEUZE, Gilles & GUATTARRI, Félix. **Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro: 34, vol. 03, 1996.

DELEUZE, Gilles. GUATTARRI, Félix. **O que é a filosofia?** Tradução: Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munoz. 3ª edição. São Paulo: Editora 34: Coleção TRANS, 2010.

FALCADE, Paulo Rodrigo Unzer; SOFIATO, Janaina Pelullo. O surrealismo nos primórdios do processo antimanicomial. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, Florianópolis, vol. 5, n. 11, p. 14-25, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/68806>. Acesso em 24 mar. 2024.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso (1999). Tradução de Edmundo Cordeiro. Versão para PDF, por Marcelo C. Barbão. **Cibertil: Leitura Digital**. Jul. 2022. Disponível em: [https://cienciaslinguagem.eca.usp.br/Foucault\\_OrdemDoDiscurso.pdf](https://cienciaslinguagem.eca.usp.br/Foucault_OrdemDoDiscurso.pdf). Acesso em: 9 mai. 2024.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura**: na Idade Clássica. Tradução: José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva: 2017.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 8 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

FREUD, Sigmund (1915). O Inconsciente. In: FREUD, S. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Imago: Rio de Janeiro, v. 02, p. 13-74, 2006.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. (1900). Tradução: Paulo César de Souza. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras: Obras Completas, volume 04, 2019.

FROTA, Janaína Egler. A existência negligenciada: **Uma discussão sobre loucura e exclusão social**. 2009. Monografia (Conclusão do Curso) - Psicologia, Faculdade de Ciências da Saúde e Educação, Brasília/DF, 2009. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/2608/2/20360580.pdf>. Acesso em: 13 set. 2024.

GARCEZ, Marina; RUDGE, Ana Maria. **Arte e Psicanálise: Uma possível interseção com o capitalismo**. 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4º edição. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2009.

GONÇALVES, Vera F., YAMAGUTI, Claudiney Augusto; KALCKMANN, Suzana. Arte-cultura como possibilidade terapêutica na qualidade de vida dos usuários dos serviços de saúde mental: avaliação das experiências do município de Carapicuíba - SP. **Boletim do Instituto de Saúde - BIS**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 117–123, 2019. DOI: 10.52753/bis.2019.v20.34558 . Disponível em: <https://periodicos.saude.sp.gov.br/bis/article/view/34558>. Acesso em: 29 mar. 2024.

LEMOS, F. C. S.; NOGUEIRA, J.; JÚNIOR, L. P. R.; ARRUDA, A. B. Operadores analíticos da pesquisa com arquivos em Michel Foucault. **Psicologia & Sociedade**, 32, 2020.

LEMOS, Flávia Cristina Silveira; Et. Al. Operadores analíticos da pesquisa com arquivo em Michel Foucault. **Psicologia e Sociedade**, Pará, vol. 32, 2020. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32i168556>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/Hsmz9ZmXKV6d3y8GWRJ6XhJ/#>. Acesso em: 07 jun. 2024.

LIBERATO, Marina Tavares Cavalcanti; DIMENSTEIN, Magda. Arte, loucura e cidade: a invenção de novos possíveis. Natal: **Psicologia e Sociedade**, vol. 25, n. 2, p. 272-281, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/sbPJSm85LvGxt4hkmxjrBQR/abstract/?lang=pt>. Acesso em 20 mar. 2024.

LOUREIRO, I. Luzes e sombras Freud e o advento da psicanálise. In. JACÓVILELA, A. M.; FERREIRA, A. A. L.; PORTUGAL, F. T. (Orgs.). **História da Psicologia: rumos e percursos**. Rio de Janeiro, Nau, 2007.

MARTINS, Beatriz Adura. **Ode à Crueldade, ou a arte para pensar a desinstitucionalização**. 2009. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: [https://app.uff.br/slab/uploads/Ode\\_%C3%A0\\_Crueldade,\\_ou\\_arte\\_para\\_pensar\\_a\\_desinstitu%C3%A7%C3%A3o.pdf](https://app.uff.br/slab/uploads/Ode_%C3%A0_Crueldade,_ou_arte_para_pensar_a_desinstitu%C3%A7%C3%A3o.pdf). Acesso em: 05 nov. 2024.

MELO, Walter. **Nise da Silveira**. volume 4. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2001.

MINAYO, Maria Cecília de S., SANCHES, Odécio. Quantitativo e Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, vol. 9, n. 3, p. 239-262, jul/set, 1993. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/Bgpmz7T7cNv8K9Hg4J9fJDb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 mar. 2024.

NOGUEIRA, Conceição. Análise(s) do Discurso: Diferentes Concepções na Prática de Pesquisa em Psicologia Social. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, vol. 24, n. 2, p. 235-242, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/JL4Cq5QbhzqQzjc3B7Ygh6g/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 07 jun. 2024.

NUNES, Mônica de Oliveira. O silenciamento da cultura nos (con)textos de cuidado em saúde mental. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, vol. 01, n. 02, out./dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/68472>. Acesso em: 23 jul. 2024.

PONGE, Robert. Notas sobre a recepção e presença do surrealismo no Brasil nos anos 1920-1950. **Alea**, vol. 06, n. 01, p. 53-65, janeiro-junho de 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alea/a/5TVvDx5yDV5RsWqSFTyKRRx/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 08 out. 2024.

SANDER, Jardel. A Caixa de Ferramentas de Michel Foucault, a Reforma Psiquiátrica e os Desafios Contemporâneos. Belo Horizonte/MG: **Psicologia & Sociedade**, vol. 22, n. 2, p. 382-387, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/dHKFXdqQJrBGtg4Tq6s5SKC/>. Acesso em: 03 set. 2024.

SANTOS, Lúcia Grossi dos. A Experiência Surrealista da Linguagem: Breton e a Psicanálise. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 05, n. 02, p. 229-247, jul. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/ZV3ztgfyXzsPTHDz89RkjMm/#>. Acesso em: 08 out. 2024.

SANTOS, Lúcia Grossi dos. Surrealismo e Psicanálise: O inconsciente e a paranóia. **Artefilosofia**, n. 23, p. 178-191, Dezembro de 2017.

SILVA, Claudicélio Rodrigues da. Poéticas dos Desejos e dos Prazeres LGBTQ na Poesia Gay Brasileira. **Estud. Lit. Bras. Contemp.**, Brasília, n. 61, e. 614, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/35244>. Acesso em: 07 jun. 2024.

SILVA, Ellayne Karoline Bezerra; ROSA, Lúcia Cristina dos Santos. Desinstitucionalização Psiquiátrica no Brasil: riscos de desresponsabilização do Estado?. Florianópolis: **R. Katál**, v. 17, n. 2, p. 252-260, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/fFKDctvfxN5sQv8SzmKmmPM/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 18 out. 2024.

SPODE, Elsbeth Becker. “A perspectiva do tempo, a partir da obra ‘A Persistência da Memória’ de Salvador Dalí, e sua relação com o trabalho e o turismo”. In: **Anais do VII Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul**. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2012. Disponível em: [http://www.ucs.br/ucs/tplVSEminTur%20eventos/seminarios\\_semintur/semin\\_tur\\_7/gt03](http://www.ucs.br/ucs/tplVSEminTur%20eventos/seminarios_semintur/semin_tur_7/gt03). Acesso em: 10 out. 2024.

TENÓRIO, Fernando. A reforma psiquiátrica brasileira, da década de 1980 aos dias atuais: história e conceitos. Rio de Janeiro: **História, Ciências e Saúde**. vol. 09, n. 01, p. 25-29, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/xN8J7DSt9tf7KMMP9Mj7XCQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2024.